

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MÁRIO JORGE COLARES SANTANA JÚNIOR

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES E
INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DOS
ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Parintins-AM

2022

MÁRIO JORGE COLARES SANTANA JÚNIOR

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES E
INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DOS
ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Pedagogia, pela Universidade do Estado do
Amazonas apresentado como exigência final
para obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Parintins-AM
2022

MÁRIO JORGE COLARES SANTANA JÚNIOR

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES E
INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DOS
ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia pela Universidade do Estado do
Amazonas apresentado como exigência final para
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Parintins-AM
2022

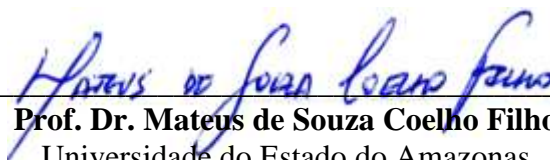
MÁRIO JORGE COLARES SANTANA JÚNIOR

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES E
INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DOS
ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

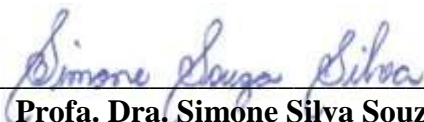
Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia pela Universidade do Estado do
Amazonas apresentado como exigência final para
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 13/10/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Mateus de Souza Coelho Filho
Universidade do Estado do Amazonas
Orientador



Profa. Dra. Simone Silva Souza
Universidade do Estado do Amazonas
Avaliador



Prof. Dr. Virgílio Bandeira do Nascimento Filho
Universidade do Estado do Amazonas
Avaliador

DEDICATÓRIA

A Deus, a ele toda honra e toda Glória, aos meus pais Mário Jorge Colares e Célia Ramos, são eles que me trazem força e alívio, pois sempre me fomentaram a prosseguir nos estudos, aos meus irmãos que sempre colocaram fé no meu potencial, aos meus professores e a todos que viram e participaram desse processo!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pois foi e é meu porto seguro, refúgio nas horas de angustia, sempre iluminando os meus passos e proporcionando sabedoria, persistência, força, foco e fé.

Jamais podia deixar de agradecer aos meus pais, Mário Jorge Colares e Célia Ramos, são eles que me trazem força e alívio, pois sempre me fomentaram a prosseguir nos estudos. Lembro-me que diziam que somente a educação poderia mudar a minha situação tanto financeira, como intelectual, não queriam que eu tivesse a mesma trajetória que tiveram. Por muitos anos moram na zona rural, com trabalho árduo, e através desse trabalho conseguiram nos criar com muito sacrifício, sou grato por tê-los como meus pais.

Aos meus irmãos Juciara, Deyner, Thiago, Marcele e Mayra que me apoiaram nesse percurso, grande parte do meu sucesso devo a eles, são exemplos de homens e mulheres de valor, sou grato pela vida de vocês!

Professor Dr. Mateus de Souza Coelho Filho, suas orientações foram essenciais e necessárias para a construção desta pesquisa, sempre me incentivou e dizia que eu era capaz de produzir um bom trabalho. Agradeço professor pelo compromisso e pela atenção durante nossos encontros de orientação.

A todos que foram meus professores, Professora Simone Souza, Ângela Figueiredo, Ágdo Régis, Fiorella Chalco, Elizeu Souza, Renner Dutra que Deus o tenha, Gyane Karol, Francisca Keyla e Ruth Cristina, lembrarei de seus ensinamentos.

Para finalizar, não poderia deixar de agradecer aos sujeitos da pesquisa, os quais foram cordiais ao se disponibilizarem sem hesitação e contribuir com nosso estudo, foram cruciais para o desenvolvimento deste.

“O Poderoso fez em mim maravilhas e Santo é o seu nome!”

Magnificat

RESUMO

Esse trabalho científico é produto de uma investigação acerca da avaliação da aprendizagem numa escola estadual no município de Parintins, Amazonas. O objetivo central do estudo é compreender as contribuições e influências da avaliação no processo de desenvolvimento intelectual dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. A metodologia é uma abordagem através das lentes da Fenomenologia juntando com a natureza qualitativa, como método de procedimento utilizou-se o estudo de caso e a técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Foram entrevistados 03 professores da rede estadual de ensino que lecionam nas turmas de 5º ano. Os teóricos que deram sustentação a pesquisa e nos ajudaram tecer com precisão nas entrelinhas foram Luckesi (2011); Libâneo (2013); Hoffmann (2017); Battallaso (2003); Sant'Anna (2001) que mostraram alguns conceitos sobre a avaliação da aprendizagem e suas contribuições; Melchior (1999); Ricci (2007); Balzan (1980) e Ribas que discutem sobre instrumentos avaliativos no processo de ensino; Saul (1988) que traz a diferença entre instrumentos qualitativos e quantitativos; Haydt (2008); Silva e Perez (2009); Afonso (2005); Camargo (2010); Depresbiteris (1989) mostram algumas modalidades de avaliação empregadas na educação brasileira. Constatou-se que avaliação da aprendizagem quando bem aplicada de forma diversificada, integral e contínua, através de instrumentos avaliativos inovadores que sanem novas situações de aprendizagem, contribui para o desenvolvimento intelectual dos alunos, pois detecta o nível de aprendizagem destes, permitindo focalizar nas dificuldades de aprendizagem que apresentam, trazendo a possibilidade de melhorar o desempenho, avaliação que permite perceberem em que parte do processo avaliativo se encontram, bem como seu nível de aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem. Contribuições. Influências. Desenvolvimento intelectual. Alunos.

ABSTRACT

This scientific work is the product of an investigation about the assessment of learning in a state school in the municipality of Parintins, Amazonas. The main objective of the study is to understand the contributions and influences of assessment in the process of intellectual development of students in the 5th year of Elementary School. The methodology is an approach through the lens of Phenomenology joining with the qualitative nature, as a method of procedure was used the case study and the technique of data collection was the semi-structured interview. 03 teachers from the state education network who teach in the 5th grade classes were interviewed. The theorists who supported the research and helped us to weave with precision between the lines were Luckesi (2011); Libâneo (2013); Hoffmann (2017); Battallaso (2003); Sant'Anna (2001) who showed some concepts about learning assessment and their contributions; Melchior (1999); Ricci (2007); Balzan (1980) and Ribas who discuss evaluation tools in the teaching process; Saul (1988) who brings the difference between qualitative and quantitative instruments; Haydt (2008); Silva and Perez (2009); Afonso (2005); Camargo (2010); Depresbiteris (1989) show some evaluation modalities used in Brazilian education. It was found that learning assessment, when well applied in a diversified, integral and continuous way, through innovative assessment tools that remedy new learning situations, contributes to the intellectual development of students, as it detects their learning level, allowing them to focus on difficulties of learning that they present, bringing the possibility of improving performance, evaluation that allows them to perceive in which part of the evaluation process they are, as well as their level of learning.

Keywords: Learning assessment. Contributions. Influences. Intellectual development. Students.

LISTA DE QUADRO

Quadro 01 – Contribuições e influências da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos do 5º do Ensino Fundamental.....	38
--	----

LISTA DE FIGURA

Figura 01 – Contexto da pesquisa.....	31
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CESP - Centro de Estudos Superiores de Parintins

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PRP - Programa Residência Pedagógica

SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica

SEDUC - Secretaria de Estado de Educação

UEA - Universidade do Estado do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E SUAS RELAÇÕES COM PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	15
1.1 Avaliação da aprendizagem: conceitos e contribuições.....	15
1.2 Instrumentos avaliativos e o processo de ensino e aprendizagem.....	19
1.3 Modalidades de avaliação da aprendizagem.....	23
CAPÍTULO II - METODOLOGIA.....	29
2.1 Natureza da pesquisa.....	29
2.2 Método de abordagem.....	29
2.3 Técnicas de pesquisa.....	30
2.4 Contexto da investigação.....	31
2.5 Sujeitos da Pesquisa.....	32
CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	33
3.1 Concepção de avaliação utilizada na prática avaliativa do professor.....	33
3.2 Contribuições da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos.....	35
3.3 Instrumentos avaliativos utilizados pelo professor (a).....	39
3.4 Autoavaliação do professor (a) em relação a sua forma de avaliar.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICES.....	52
APÊNDICE “A”: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	53
APÊNDICE “B”: ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO ABERTO.....	55

INTRODUÇÃO

Durante toda existência humana, estaremos em constante processo avaliativo. Quando escolhemos uma roupa, um sapato, um perfume, temos a critérios escolher a partir do ato de avaliar. No âmbito educacional não é diferente, por exemplo, para cursarmos uma universidade, passamos por provas de caráter classificatório, num concurso público a mesma forma de avaliação. Não temos como fugir desse processo que nos rodeia todos os dias, pois constantemente estamos na condição de avaliados, avaliadores e autoavaliadores.

No Brasil, a avaliação da aprendizagem está presente desde a chegada dos jesuítas, que enfatizavam como premissa, a memorização, ou seja, era um ensino mecânico e estático, que exigia apenas que os catequisandos decorassem as respostas conforme foram ensinadas. Castigavam ou recompensavam de acordo com o que entendiam de disciplina e rendimento escolar. Durante muitos anos, esse tradicionalismo ao avaliar esteve atrelado e impregnado na prática docente, onde o conhecimento era mensurado e o centro do processo era o aluno, o único responsável pelo seu fracasso ou sucesso.

Após várias investigações e debates, anos de lutas, vitórias e derrotas, um novo olhar surgiu, agora o aluno não é o único centro do processo, professores, escola e comunidade em geral são coautores e produtores do desenvolvimento intelectual dos alunos. Novas situações de aprendizagem surgiram em decorrência às mudanças sociais e os meios de avaliar posteriormente, com essas mudanças emergiram situações positivas e negativas.

Diante desse contexto, surgiu à gênese da nossa investigação, que é compreender quais as contribuições e influências da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos, a partir dessa compreensão, promover uma tentativa de melhorar mesmo que minimamente a nossa prática docente. Esse campo de estudo é bastante polemizado, e ao adentrarmos devemos tratá-lo com destreza e cautela para não nos perdemos dentro desse vasto e abrangente campo educacional.

O problema do estudo como mencionado acima é, quais as contribuições e influências da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos? Para entender e buscar respostas para o problema, elaboramos as seguintes questões norteadoras: Qual a concepção de avaliação empregada na prática avaliativa do professor? Quais as contribuições e influências da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos? Quais instrumentos avaliativos são utilizados em sala de aula? Existe autoavaliação do professor em relação a sua forma de avaliar? São questionamentos que nos trazem respostas significativas para entendermos esse fenômeno chamado avaliação da aprendizagem.

O marco inicial para pesquisar acerca do tema foram as participações nos projetos Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e Programa de Residência Pedagógica (PRP), no qual pude estar em sala de aula, observando e diversas vezes colaborando com professores e alunos. Percebi que o processo avaliativo realizado por cada professor tinha uma maneira particular. Surgiu, então, a dúvida de compreender quais as contribuições e influências essa forma de avaliar de cada professor traz para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Acreditamos que essa pesquisa é de grande relevância, pois a temática avaliação é um mar sem fim, inesgotável e inacabado e nosso estudo pode contribuir para futuros avanços educacionais.

Colocamos como título deste trabalho “Avaliação da aprendizagem escolar: contribuições e influências no processo de desenvolvimento intelectual dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental”. Tem como objetivo geral: Compreender as contribuições da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Os objetivos específicos são: Analisar a concepção de avaliação do professor; identificar quais os instrumentos avaliativos utilizados em sala de aula; descobrir se existe autoavaliação do professor em relação a sua forma de avaliar.

Para fundamentar teoricamente, e ter peso esse trabalho investigativo fizemos estudos em livros, artigos científicos, periódicos, os quais nos ajudaram na construção teórica do mesmo. A organização do trabalho ficou da seguinte maneira: Introdução, com os elementos que a compõe, tema, problema, questões norteadoras, objetivos e a importância da investigação.

O capítulo I trata da avaliação da aprendizagem e suas relações com processo de ensino e aprendizagem. No decorrer desse capítulo destrinchamos quais os conceitos e as contribuições da avaliação da aprendizagem, os instrumentos avaliativos e as modalidades de avaliação. Essa primeira parte da pesquisa nos debruçamos e trazemos como aporte teórico as obras de Luckesi (2011), Libâneo (2013), Hoffmann (2017), Perrenoud (1999), Antunes (2013), Vasconcellos (2008), Sant’Anna (2001), entre outros estudiosos que nos ajudaram a ter uma visão mais profunda e ampliada sobre a avaliação da aprendizagem.

No capítulo II apresentamos a metodologia utilizada durante o trajeto da nossa investigação, os métodos de abordagem e procedimento, as técnicas que todo pesquisador precisa ter conhecimento e aplicá-la da melhor maneira, os sujeitos da pesquisa e tudo que envolveu e nos deu norte para chegarmos aos resultados. Durante todo processo de formação, tivemos acesso a autores como Minayo (2001), Pereira (2014), Oliveira (2002), Marconi

(2015), Severino (2007) e diversos outros corroboram para o desenvolvimento metodológico do nosso estudo.

No capítulo III trazemos análise e discussão dos resultados. A partir dos relatos dos sujeitos da pesquisa foi possível compreender quais as contribuições e influências da avaliação da aprendizagem escolar têm sobre o desenvolvimento intelectual dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental.

Na última parte do trabalho discorreremos sobre as considerações finais acerca do tema avaliação, onde foi possível comprovar por intermédio das falas dos professores, que a mesma trás contribuições para o processo de ensino e aprendizagem quando aplicada da maneira correta.

Constatamos que é necessária uma ação avaliativa que seja possível detectar o nível de aprendizagem dos alunos, e que permita focalizar nas dificuldades de aprendizagem que são apresentadas. Além de trazer feedback possibilitando melhorar o desempenho do aluno e do professor, avaliação que não somente constata, mas impulsiona e principalmente que permita o aluno se perceber em que parte do processo avaliativo se encontra e qual seu nível de aprendizagem.

CAPÍTULO I – AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E SUAS RELAÇÕES COM PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.

1.1 Avaliação da aprendizagem: conceitos e contribuições

Ao longo da história da educação, a avaliação sempre esteve atrelada a prática docente. Dentro de uma ampla complexidade, pressupõe objetivos, meios e finalidades. Tem em sua gênese determinantes, juízos de valor que podem ser: descritivo, significativo e seletivo, um julgar aceitável de respostas, desde a Educação Infantil ao Ensino Superior.

Em qualquer nível de ensino, a avaliação está intrinsicamente difundida na prática educacional. É uma atividade que segue um padrão específico de uso e cumpre diversas funções que se fundamenta em ideologias conforme explica Sacristán (1998). Dentro desse contexto, foi necessário dialogarmos com estudiosos sobre a temática para entendermos de forma mais ampliada e aprofundada a respeito da avaliação da aprendizagem, suas contribuições e influências no processo de ensino e aprendizagem.

Na ótica de Kraemer (2005), a origem da palavra avaliação vem do latim, com significação de valor ou mérito ao objeto em pesquisa, onde está intrinsicamente ligada ao ato de avaliar e mensurar os conhecimentos absorvidos pelo aluno. No significado da palavra, podemos perceber que a avaliação foi criada para medir o nível de inteligência do homem.

Cabe aqui abrir um parêntese antes de continuarmos nossa jornada, distinguir avaliação de aferição, para nos ajudar, trazemos Crespo (2004). Esse teórico afirma que é necessário que todo professor tenha em mente a diferença entre aferir e avaliar. Aferir significa mensurar, ou seja, um tratar quantitativo de um constructo. Avaliar é algo diferente, pois estabelece um processo de relações entre constructos, está além de medir ou classificar, envolve uma visão subjetiva do professor em relação ao aluno, um olhar diferenciado, percebendo todas as possíveis potencialidades.

Sobre avaliar essas potencialidades, Antunes (2013) explica que a avaliação não necessariamente deve ser pontual, no sentido em que o aluno deve ser avaliado em todas as oportunidades. Durante nossa prática docente, presenciaremos situações em que o aluno irá receber uma nota baixa na prova escrita, mas sabemos que na sua oralidade foi excelente, portanto, o professor precisa verificar essas situações.

Qual o seu envolvimento nas aulas? Qual o seu envolvimento com o conteúdo? Como ele aplica em sua vida cotidiana aquele conteúdo que ele assimilou? O professor deve dispor de múltiplos recursos para perceber aquele aluno como um todo. Muitas vezes a maneira

como pergunta é um indício muito claro do saber do aluno, do que a resposta que pode colocar no papel.

Corroborando com esse viés de avaliação, de acordo com Saul (1988), em seu sentido amplo a avaliação está atrelada às nossas vivências e experiências do dia a dia. É frequente o uso e intrínseco ao ser humano o ato de avaliar ao fazermos julgamentos em relação a nós e aos outros, a qual se configura como uma avaliação assistemática, diferente da educacional que é formal e sistematizada, com apoio de pressupostos de diversos graus de complexidades que servem a múltiplos propósitos e anseios. A avaliação não pode ser engessada, pois se assim ser, será prejudicial ao aluno.

Para Hoffmann (2017), a avaliação deve ser livre da concepção de respostas certas ou erradas, com um olhar investigativo e reflexivo sobre as ações dos estudantes. Seu processo se desenvolve através do estudo das hipóteses elaboradas pelos alunos e também das suas ações que levam ao entendimento do conteúdo ensinado, que encoraja e norteia os educandos a produzirem um saber de qualidade superior, fazendo-os perceber a razão das coisas.

Esses autores trazem um olhar sobre o processo avaliativo, nas ideias de Vasconcelos (2008) é necessário repensar uma nova concepção de avaliação. O autor nos mostra que o professor necessita mudar sua prática, transferindo a atenção do controle do que é transmitido para a aprendizagem dos alunos. Assim, o aluno perceberá que o professor não está ali para punir, mostrar autoridade ou selecionar os melhores, mas como aquele que ensina e ajuda nas suas dificuldades, sendo um professor que media o conhecimento.

Battallaso (2003) defende uma avaliação que garanta aos alunos informações sobre seu desempenho escolar, no qual também possam se tornar autores dos processos de avaliação, propondo sugestões, uma relação aluno-professor horizontal, avaliação que se denomina educativa e democrática. É uma proposta plausível, pois traz novos olhares e horizontes, pois fazer os alunos autores junto ao professor desse processo multifacetado chamado avaliação, pode ser uma saída da confusão que a mesma causa no âmbito educacional.

Segundo Perrenoud (1999), a avaliação deve auxiliar o aluno a aprender e a progredir de forma contínua, através da regulação das aprendizagens. Esta, por sua vez, deve ser sistemática e individualizada com objetivo de melhorar a aprendizagem. A avaliação deve gerar a regulação dos processos de aprendizagem a partir da observação, a qual vai orientar a intervenção necessária na sala de aula. Trata-se de uma regulação interativa em que a observação e a intervenção acontecem em tempo real e são inseparáveis das interações didáticas.

Libâneo (2013), quando reflete sobre avaliação da aprendizagem, nos mostra que para todo e qualquer trabalho docente, especificamente no ensino e aprendizagem, a avaliação torna-se imprescindível como tarefa didática necessária e permanente. É a avaliação que pressupõe resultados satisfatórios ou não, tanto para o trabalho do professor quanto para a aprendizagem do aluno, o que permite saber se os objetivos propostos foram alcançados, tais como: progressos, dificuldades e reorientação para correções futuras.

Para Luckesi (2011), quando o professor tomar decisões acerca do seu trabalho em relação ao processo de ensino e aprendizagem, deve perceber a avaliação como um apreciar qualitativo sobre dados relevantes. Em seu entendimento, as mais diversas manifestações didáticas com a finalidade de cumprimento dos objetivos relacionados ao ensino, para professores e alunos são dados relevantes. Submeter os alunos às provas, exercícios, realizações das tarefas propostas, requer do professor esta apreciação qualitativa com o intuito de orientá-los para futuras atividades didáticas.

De acordo com Sant'Anna (2001), a avaliação é uma ação conjunta que reflete o trabalho do professor como do aluno, a partir dos levantamentos qualitativos ou quantitativos, considerando padrões de desempenho, retratado em juízo de valor (ótimo, bom, regular ou ruim) acerca do aproveitamento escolar. A avaliação não pode ser restrita ao aluno, é urgente repensar, uma sensibilização que permita novas abordagens metodológicas, descentralizando responsabilidades, que inclua neste processo: escola, professor e aluno.

Na ótica de Silva e Perez (2009), a avaliação traz diversas possibilidades, entre elas as autoras destacam que o professor ao avaliar seu aluno pode localizar o que aprendeu, e a partir disso, é possível inferir usando ferramentas para que o aluno desenvolva as potencialidades e o desempenho. Uma ferramenta que funciona bastante na aprendizagem é levar o educando reconhecer seu próprio erro, medida que é capaz de direcionar para o sucesso escolar. Sobre isso, Barbosa (2011, p. 159) afirma que a avaliação: “assume uma dimensão orientadora, pois permite que o aluno tome consciência de seus avanços e dificuldades, para continuar progredindo na construção do conhecimento”.

Utilizando a visão de Maia e Scheibel (2010), a avaliação permite confrontar as propostas educativas, construindo e reconstruindo novos olhares para edificação dos conhecimentos dos alunos. É um processo dinâmico, ilimitado, onde escola, professor e aluno são responsáveis pelo sucesso ou insucesso, é como um corpo, se um braço está machucado, todos que fazem parte desse processo sentem a dor.

A avaliação não deve excluir os alunos, torná-los marginalizados e conceituados como “burros”, mas um meio de dar norte no desenvolvimento da sua aprendizagem para atingir

conhecimento superior ao estágio anterior que se encontrava. Para isso, deve ser integral, ou seja, deve abranger todas as dimensões que integram o comportamento humano, conforme a perspectiva de Haydt (2008).

No entendimento dos autores Mujica e Etxebarria (2009), a avaliação é um processo sistêmico, rigoroso, planejado, dirigido, objetivo, fidedigno e válido para emitir juízos de valor. Que envolve identificação, coleta e análise de informações quantitativas ou qualitativas, com bases em critérios e referências preestabelecidos, para determinar o valor e o mérito do objeto educacional em questão. Com a finalidade de tomar decisões que ajudem aperfeiçoar a prática do professor, ou seja, a avaliação tem como referência fundamental a tomada de decisão com foco não somente na aprendizagem, mas também na forma de ensinar.

Para Silva (2013), a avaliação tem que ser democrática (objetivos definidos dentro de um espaço de negociação); Constante (acompanha todo o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem); Diversificada (instrumentos avaliativos diversificados); Contínua (processo integral e coeso); Intencional (Levar em consideração as dimensões cognitiva, afetiva, social, cultural e outras) e sistemática (especificidade e intencionalidade), uma avaliação global que atinja o processo como todo.

Na Lei nº. 9.394/96-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) documento legal maior da educação brasileira, o artigo 35-A, menciona alguns instrumentos avaliativos que devem ser usados no momento em que o professor avaliar seu aluno:

§ 8º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação processual e formativa serão organizados nas redes de ensino por meio de atividades teóricas e práticas, provas orais e escritas, seminários, projetos e atividades on-line [...] (BRASIL, 1996).

Percebemos que a LDB tem em sua gênese a avaliação formativa e processual, a qual tem como premissa formar estudantes através de diversas formas de avaliação, dentre os quais destacam-se atividades práticas, provas escritas dentre outros instrumentos avaliativos que ajudam e contribuem para o desenvolvimento intelectual dos estudantes que estão em processo de estudos. Sobre essa questão, Caldeira (2000, p. 122) afirma que:

A avaliação escolar é um meio e não um fim em si mesma; está delimitada por uma determinada teoria e por uma determinada prática pedagógica. Ela não ocorre num vazio conceitual, mas está dimensionada por um modelo teórico de sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática pedagógica.

Cada modelo de avaliação está atrelada a uma visão de sociedade, é por intermédio desta que se norteiam o padrão de homem que devemos formar. Muito se discute acerca do cidadão reflexivo e crítico, mas o que estamos fazendo para formá-los? Acreditamos que essa luta começa na forma como avaliamos nossos alunos.

Através dos escritos dos autores acima citados, podemos conhecer um pouco mais sobre as concepções de avaliações impregnadas na educação brasileira, e a partir delas, cada profissional poderá construir sua forma de avaliar de forma singular, pois a docência não vem com um manual de regras pronto e acabado, nosso anseio é que no final desse estudo possamos ser coerentes ao avaliar nossos alunos.

1.2 Instrumentos avaliativos e o processo de ensino e aprendizagem

Vamos agora discorrer sobre alguns dos instrumentos avaliativos utilizados no âmbito educacional. Nos dias atuais, o professor está munido de diversos instrumentos avaliativos que lhe asseguram melhor análise do desenvolvimento de seu aluno. A prova deixou de ser a única ferramenta avaliativa, e surgiram outras como: o seminário, o portfólio, a assiduidade, a pesquisa, a observação, pontualidade, os exercícios e entre outros, que foram introduzidos no decorrer dos anos.

São divididos em instrumentos quantitativos e qualitativos de acordo com a intenção do professor, seja apreciação, mensuração ou verificação da aprendizagem. Uma observação importante que não podemos deixar de fazer, é que a avaliação da aprendizagem é um processo e nunca podemos confundi-la com as ferramentas que fazem esse processo acontecer.

Antes de apresentar alguns dos instrumentos avaliativos, acreditamos ser necessário fazer uma breve conceituação, ou até mesmo mostrar a diferença entre os instrumentos qualitativos e quantitativos. Os qualitativos se preocupam em compreender além do que os números conseguem mostrar, o professor deve observar os significados implícitos no desenvolvimento dos alunos, ou seja, a ênfase não é no resultado, mas no processo, conforme explica Saul (1988). Já os quantitativos têm a função de apenas mensurar, medir ou verificar através de coeficientes o quanto o aluno aprendeu, concordamos que nenhum instrumento avaliativo deve ser descartado da prática docente, pois se complementam.

O instrumento mais popular é a prova, existem variadas formas que o professor pode utilizar em sala de aula, mas iremos discorrer sobre três: a objetiva, dissertativa e a oral. As provas objetivas de acordo com Rampazzo (2011, p. 12) são aquelas no qual o aluno terá a opção de múltiplas escolhas e somente uma das respostas é a correta e “ser distribuída em

questões fáceis, médias e difíceis”. A dissertativa que também pode ser chamada de escrita, exige que a resposta seja a opinião subjetiva de tal assunto exposto na pergunta. Ainda de acordo com as ideias de Rampazzo (2011, p. 11) traz “questões que pressupõem descrições livres, nas quais o aluno pode responder com suas próprias palavras, expressar seu pensamento”.

Por fim a oral, nessa tipificação de prova, a fala é o principal veículo para dar a resposta, competências como retórica e oratória são exigidas. Essas tipificações de provas estão e estarão presentes em nossas vidas não somente no ensino regular, mas também nos concursos públicos (objetivas e dissertativas), entrevistas de emprego (orais), entre outros. As provas foram por décadas usadas como formas de punir e classificar (ótimo, bom ou regular) o aluno, onde esse era autor do seu fracasso escolar.

Nos últimos anos passou a existir uma especulação sobre a diferença entre prova e teste, ou é o mesmo instrumento avaliativo com nomenclatura diferente? Ou realmente existe a diferença tanto no nome, como no significado? Podemos saber mais a partir da compreensão de Melchior (1999, p. 96) sobre esses termos:

Há algum tempo, convencionou-se uma diferença entre teste e prova, que alguns professores ainda fazem: os testes seriam realizados com maior frequência, envolvendo uma menor quantidade de conteúdo e as provas teriam abrangência maior, sendo feitas, geralmente, ao final de um período (bimestre, semestre, etc). Outros consideram o contrário: as provas teriam abrangência menor.

Realmente, durante as nossas vivências em sala de aula como alunos e agora como professores em formação, podemos comprovar que as provas têm maior teor e terror, não somente por envolver mais conteúdos e maior número de questões, mas por ser uma espécie de rede de segurança que tornam o sistema educacional vago, pois apenas apontam as lacunas do processo de ensino e aprendizagem.

Hoffmann (2004, p. 23) conclui que esse instrumento avaliativo “apenas reforça a manutenção de uma escola para poucos”. Não estamos criticando as provas, pois são necessárias, mas essa concepção que prende o processo deve ser repensada na prática docente.

Dentre os autores que discutem sobre o assunto, trazemos Demo (2003), onde afirma que a prova não representa de forma satisfatória as habilidades e competências dos alunos, pois traz superficialidades. Já na ótica de Méndez (2002, p.98), “mais que o instrumento, importa o tipo de conhecimento que põe à prova, o tipo de perguntas que se formula, o tipo de

qualidade (mental ou prática) que se exige e as respostas que se espera obter conforme o conteúdo das perguntas ou problemas que são formulados”.

A ideia de Pires (2013) sobre as provas é que o professor deve elaborar a execução em duas etapas: a primeira seria o aluno fazendo-a sem nenhuma intervenção do professor, somente com o que adquiriu de conhecimento durante as aulas, a segunda o professor analisa a evolução ou regressão do aluno, uma possibilidade de rever se realmente houve aprendizagem.

A prova tem eficácia, mas o professor deve saber fazer uso, aplicá-la de maneira que resulte em uma aprendizagem superior a qual o aluno se encontrava. Mas acreditamos também que para o professor se debruçar de forma satisfatória e mais profunda na evolução da aprendizagem dos alunos, são necessários outros instrumentos avaliativos complementares.

Apesar de ter se tornado algo cultural os traumas e medos que pairam sobre as provas, nosso compromisso enquanto educador é mostrar para nossos alunos que esse tipo de instrumento avaliativo será cobrado durante toda a vida, não somente no ensino regular. Temos a missão de mudar essa visão distorcida e errônea, não iremos reproduzir, mas transformar para que as provas tornem-se hábitos do dia a dia dos nossos alunos.

Os trabalhos de pesquisa no Ensino Fundamental, também podem ser usados como uma maneira do professor avaliar seus alunos, através desses trabalhos é possível perceber o poder de investigação do aluno, no qual o mesmo buscará o que não sabe, para se apropriar do conhecimento, aqui o professor apenas mostra o caminho. Para reforçar nossa ideia trazemos uma citação de Ricci (2007, p. 11):

A pesquisa – central no processo educacional – está presente tanto na prática docente (o professor-pesquisador que pesquisa continuamente o processo de aprendizagem e desenvolvimento) como para os alunos (no seu processo de descoberta e produção de conhecimentos).

É importante tornar os alunos pesquisadores, pois ajuda no desenvolvimento e apropriação do conhecimento. Mas para que isso ocorra, é necessário que o professor trace caminhos (trabalhos de pesquisas) que façam sentido e que permitam a reflexão, trazendo temas importantes para sala de aula, de modo que o que foi pesquisado irá servir de base para trabalhos futuros, como debates, seminário entre outros.

O seminário é outro instrumento para avaliar, tem os objetivos de investigar um problema, criticamente analisar o tema ou ideias dos autores estudados, não deve ser uma mera reprodução, pois deve propor soluções ao problema num o diálogo crítico, fomentando a

produção do conhecimento a partir da cooperação entre os alunos e professor. Excelente para perceber a evolução do aluno, pois possibilita averiguar a oralidade, o trabalho em equipe, o poder de argumentação e debate.

Balzan (1980) aponta alguns equívocos na realização dos seminários como: extrema divisão do trabalho “em partes” onde os alunos não estudam o assunto por completo, mas fragmentado, a ausência de interação e presença de superficialidades, sem problematizar o tema. O papel do professor é de orientar, explicitar objetivos, sugerir temas, recomendar bibliografia (mínima e complementar), discutir os critérios a serem avaliados. Durante as realizações dos seminários deve formular questões para instigar o debate, entre outras atribuições.

Os alunos têm a missão de investigar o tema, estudar e se apropriar com profundidade, trazer para a aula questões críticas, com poder argumentativo, tornando a apresentação dinâmica. Além de providenciar os materiais necessários para a apresentação, caso seja critério de avaliação definido, entregar trabalho escrito. Sempre foi assim durante nossa vida escolar, nunca nos ensinaram a forma correta de apresentar um seminário, acreditamos que esse instrumento avaliativo deve ser ensinado e cobrado ainda durante o Ensino Fundamental nos anos iniciais.

Outro instrumento avaliativo é o portfólio, segundo Ribas (2007), são trabalhos e atividades organizados em coletânea que permitem ao professor se debruçar sobre os diversos aspectos do crescimento e desenvolvimento de cada um em particular. Para Alves (2006, p.106) o portfólio “permite aos professores considerarem o trabalho de forma processual, superando a visão pontual das provas e testes, integrando-o no contexto do ensino como uma atividade complexa baseada em elementos de aprendizagem significativa e relacional”.

Em relação aos demais instrumentos avaliativos, o portfólio apresenta vantagens, pois coloca aos alunos a perspectiva da autoavaliação, onde podem perceber sua evolução. Na perspectiva de Villas Boas (2004), para desenvolver essa capacidade de autoavaliação é necessário que os alunos saibam porque e para que fazer isso. Eles precisam perceber que a autoavaliação auxilia a reorganização do trabalho pedagógico.

O portfólio deve ser construído na parceria, entre o aluno e professor, é um instrumento riquíssimo para o desenvolvimento, capaz de detalhar todo o processo, auxilia tanto o ensino, como a aprendizagem, e fomenta ao aluno desenvolver as habilidades como: criatividade, originalidade, entre outras. Para alunos de 5º ano do Ensino fundamental, é ideal, pois como irão passar de ciclo, levarão esses conhecimentos para os demais anos.

Outra opção de avaliar é o relatório, concordamos que o professor deva fazer um relatório mensal de cada aluno, mesmo que não seja tão minucioso, pois sabemos que a carga horária de trabalho dos professores não permite, mas que seja um relato que possibilite um panorama mínimo do que seus alunos avançaram em relação ao mês anterior.

Sobre esse instrumento, Hoffmann (2017) corrobora conosco a partir do momento que enfatiza que ao relatar a trajetória da aprendizagem de cada aluno, o professor tem a possibilidade de reconstituir como, porque, conseguiu ou não evoluir. Nesse sentido, aluno é autor da sua história e o professor o responsável por mediar o conhecimento e dar ferramentas para tal construção.

Hoje avalia-se de múltiplas formas, recursos que podem ser utilizados dentro de sala de aula, com intuito de apresentar resultados positivos ou negativos a partir da verificação do desempenho do aluno. O aluno é avaliado de maneira qualitativa e quantitativa, no entanto essa avaliação deve ser de maneira igualitária buscando sempre harmonia entre elas.

1.3 Modalidades de avaliação da aprendizagem

Existem hoje no Brasil, diversas modalidades de avaliação, e cada uma dessas está fundamentada e ligada a uma tendência pedagógica. Tendências que são refletidas no processo avaliativo, segundo Sordi (2001, p.173) demonstram a “[...] concepção de mundo e de educação, e por isso vem impregnada de um olhar absolutamente intencional que revela quem é o educador quando interpreta os eventos da cena pedagógica.”.

Essas tendências norteiam que tipo de homem e sociedade queremos formar, podemos dizer que a maneira como o professor enxerga o mundo, ou seja, a sua filosofia de vida e como foi tratado enquanto aluno, será refletida na sua ação avaliativa. Diante desse contexto é necessário conhecermos um pouco mais sobre as modalidades de avaliação e suas implicações na aprendizagem dos alunos.

Para iniciarmos nosso estudo, trazemos a avaliação classificatória, que tem a finalidade de apenas classificar o aluno, ou conceitua-los como: ótimo, bom, regular ou ruim, assumindo a função apenas para o aluno ser aprovado ou reprovado ao final de cada bimestre ou ano letivo.

Para Haydt (2008, p.18), essa tipificação de avaliação “consiste em classificar os alunos de acordo com níveis de aproveitamento previamente estabelecidos, geralmente tendo em vista sua promoção de uma série para outra ou de um grau para outro”, apesar de muito se debater sobre os malefícios de conceituar os alunos a partir de suas notas, muitos professores ainda fazem uso dessa concepção de avaliar.

De acordo com Silva e Perez (2009), esse tipo de avaliação hierarquizada e atribui valor a partir de notas. Trata os erros como falta de conhecimento por meio de resultados esperados, é uma homogeneização que considera que todos os alunos aprendem da mesma forma e sobre as mesmas metodologias, somos cientes que todos somos seres diferentes, com especificidades e diversidades, logo compreendemos que ela traz equívocos.

Podemos afirmar que apenas classificar os alunos é um procedimento incompleto, pelo fato da não continuação do processo de aprendizagem, pois detecta o nível de conhecimento do aluno, constata os problemas, as falhas, mas o passo principal que é a intervenção do professor para que o aluno chegue ao êxito, não acontece, e cria uma defasagem tanto no ensino, como na aprendizagem.

Na concepção de Luckesi (2011, p. 35), a avaliação classificatória: “[...] constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento; [...] subtrai da prática da avaliação aquilo que lhe é constitutivo: a obrigatoriedade da tomada de decisão quanto à ação, quando ela está avaliando uma ação”. Esse tipo de avaliação enfatiza como premissa o desempenho dos alunos, usada de forma punitiva, onde o aluno é o único responsável pelo seu fracasso.

Afonso enfatiza (2005) que a ação de classificar está relacionada com o mercado educacional atual, referente às mudanças nas políticas educacionais vigentes, onde visa competição e a comparação. O resultado é ator principal, o domínio e outras inteligências são coadjuvantes no palco da educação brasileira.

Em conformidade as ideias de Hoffmann (2004), existem diversos fatores que não permitem a “ponte de passagem” da superação da prática tradicional, entre esses fatores que predominam é acreditar que se deve manter avaliação classificatória como principal e as demais manter em segundo plano, pois garante uma educação de qualidade, exigindo alunos competentes, esse pensamento deve ser ressignificado.

Acreditamos que a avaliação classificatória, deve ser reavaliada na prática docente, pois para alguns alunos pode ser motivador ser classificado como ruim, é algo impulsionador para evolução, mas para outros, ser classificado assim, pode levá-lo a inércia, a estagnação do seu desenvolvimento intelectual, ou seja, de acordo como é repassada a informação pelo professor e absorvida pelo aluno, pode causar motivação ou desmotivação.

Não poderíamos deixar de falar sobre a avaliação diagnóstica, como o próprio nome diz, tem o objetivo de diagnosticar os dados de aprendizagem dos alunos (progressão ou regressão), o instrumento de avaliação fica a critério do professor. Camargo (2010), diz que normalmente os professores fazem provas escrito-objetivas no início do ano letivo (melhor se

for feita regulamente), esses dados coletados servirão como base das futuras ações e intervenções.

De acordo com Lima (1994), a ideia de avaliação diagnóstica tem origem na teoria de Jean Piaget, conhecida como Psicologia Genética, esse teórico estudou sobre as progressões das estruturas mentais. A partir de então, mudaram as concepções sobre o desenvolvimento intelectual, onde os estudiosos buscaram compreender as maneiras ou os meios que o ser humano utiliza para solucionar problemas e não centrar no resultado.

No Brasil, um dos teóricos e defensores da avaliação diagnóstica é Luckesi, dentro de suas obras sobre avaliação da aprendizagem trazemos alguns conceitos e as contribuições que essa forma de avaliar proporciona no processo de ensino e aprendizagem:

[...] compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Desse modo, a avaliação não seria tão-somente um instrumento para a aprovação ou reprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de sua situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para a sua aprendizagem. (LUCKESI, 2011, p. 81)

Esse tipo de avaliação é processual no sentido em que permite compreender o nível no qual o aluno se encontra (conhecimentos prévios), a partir disso o professor poderá nortear sua prática docente para que o aluno atinja a “aprendizagem significativa”. Para progredir de estágio é necessário que os pais e a comunidade escolar sejam também colaboradores nesse processo.

A partir desse modo de avaliar, a presença ou ausência de conhecimentos possibilita averiguar as causas de regressão, estagnação e progressão, além de funcionar como pré-requisitos para que o professor trace um plano, com objetivo de levar seu aluno para novas experiências de aprendizagem, nos debruçamos aqui sobre as ideias de Sant’Anna (2001).

A avaliação diagnóstica é importantíssima e contribui significativamente tanto para o professor, como o aluno. Sem o diagnóstico nas primeiras aulas do ano escolar, é impossível enxergarmos onde estamos (em relação ao nível dos alunos), como agir e aonde queremos chegar. Por intermédio da avaliação diagnóstica, é possível ver as defasagens do ano anterior e agir cirurgicamente, para que possamos assim como os médicos, proporcionar vida (conhecimento) para nossos alunos.

Outra modalidade de avaliação é a formativa, Wegmuller (1993), afirma que avaliação formativa possui três estágios. No primeiro o professor coleta os dados obtidos através do

desempenho dos alunos, no segundo analisa esses dados, depois de analisados, essas informações servirão como válvula reguladora da aprendizagem.

Para Perrenoud (1999), esse tipo de avaliação permite ao professor observar minuciosamente a aprendizagem de seus alunos, por meio disso compreender e ajustar sistematicamente, de forma individualizada, através de inferências metodológicas, visando aperfeiçoar a aprendizagem. Complementa que a avaliação formativa é deliberada, antecipada, interativa, retroativa e global.

Segundo Afonso (2005), a avaliação formativa visa à consecução de objetivos antecipadamente definidos, o campo dessa avaliação é amplo e contínuo, que pode servir como controle constante sobre os alunos. Funciona como um dispositivo pedagógico adequado para efetivar oportunidades iguais de sucesso educacional. É uma das modalidades de avaliação mais efetivas, todo professor deve fazer uso, acreditamos muito nessa maneira de avaliar.

Na compreensão de Depresbiteris (1989, p. 21), “A avaliação formativa consiste no fornecimento de informações a serem utilizadas na melhoria de um programa em suas partes ou em seu todo”. As informações contidas servem como norte, como base da melhoria da aprendizagem por parte do aluno, e do ensino por parte do professor, pois este poderá rever as metodologias empregadas durante sua prática docente, e comprovar se tiveram eficiência ou não.

Haydt (2008, p. 17), nos mostra que a avaliação formativa traz possibilidades como conhecer “erros e acertos e encontra estímulo para um estudo sistemático.” Funciona também de forma “orientadora, pois orienta tanto o estudo do aluno como o trabalho do professor”. Assim, tanto o professor como o aluno podem perceber se os objetivos traçados no início do ano letivo foram atingidos.

A avaliação formativa leva em consideração o poder criativo, o comportamento, o desenvolvimento, a participação do aluno nas atividades propostas. Nessa modalidade de avaliação, os resultados das atividades desenvolvidas, são utilizados na reestruturação contínua do processo de ensino e aprendizagem, é subsídio para intervenções necessárias, otimizando-as para alcançar o objetivo final, que é o desenvolvimento intelectual dos alunos.

Hoffmann (2001) entende a avaliação mediadora, nessa perspectiva a avaliação visa acompanhar individualmente o processo de aprendizagem dos alunos. O professor (mediador) reflete e através dessa reflexão busca estratégias para aperfeiçoar o desenvolvimento de seus alunos.

Na ação avaliativa como mediação, o professor deve analisar a lógica implícita nas respostas, superando os posicionamentos classificatórios, arbitrários e excludentes. A única exclusão que deve ter são as relações de poder no cotidiano escolar. Essa modalidade é embasada na obra de Piaget, esse autor nos mostrou que a interação do sujeito com o objeto é a porta de entrada do conhecimento. A teoria de Vygotsky também se encontra nesse tipo de avaliação, no sentido em que é necessário o professor fazer mediação no desenvolvimento intelectual dos alunos.

Nas palavras de Hoffmann (2004, p. 150), a avaliação mediadora “se desenvolve em benefício ao educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado”. Podemos perceber que a avaliação está intrinsicamente ligada, tanto ao ensino, como a aprendizagem, professor e aluno, ambos são responsáveis por esse processo.

Trazendo uma visão de transformar e libertar, com o compromisso no futuro, não poderíamos deixar fora do nosso estudo, a avaliação emancipatória. É uma modalidade avaliativa que em conformidade as ideias de Saul (2010, p. 61), podemos afirmar que a mesma traz finalidades como:

[...] transformar, a partir do autoconhecimento crítico do concreto, do real, que possibilita a clarificação de alternativas para a revisão desse real. [...] Acredita que esse processo pode permitir que o homem, através da consciência crítica, imprima uma direção as suas ações nos contextos em que se situa, de acordo com valores que elege e com os quais se compromete no decurso de sua historicidade.

É explícito como Paulo Freire está vivo nessa forma de avaliar, suas perspectivas trazidas no seu livro *Pedagogia do Oprimido* (2002), nos mostra que a emancipação somente conseguimos a partir do momento que tomamos consciência crítica, crítica não apenas de criticar, mas de modificar, de trazer novos significados, de ultrapassar nossas limitações, quebrando o paradigma impregnado durante centenas de anos sobre a avaliação, que trouxe como consequências: o fracasso escolar, os traumas que fragilizaram a educação brasileira.

Diante das diversas modalidades de avaliação discutidas neste estudo, o professor está instruído com conhecimentos para refletir e procurar melhorar sua prática docente, bem como sua prática avaliativa. Sua missão é fazer uso e perceber em qual momento cada uma se encaixa, sabemos que a docência não é um manual pronto de receitas, o professor deve articular esses saberes com a sala de aula para que possamos ter um processo avaliativo que contribua para o desenvolvimento intelectual dos alunos. No próximo capítulo falamos sobre a metodologia da pesquisa, enfatizando os vários momentos percorridos neste percurso

investigativo, o qual abordou sobre a avaliação da aprendizagem escolar, levando as contribuições e influências desta no processo de desenvolvimento intelectual dos alunos do 5º ano do Ensino fundamental.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

2.1 Natureza da pesquisa

Nesse capítulo tratamos sobre a metodologia empregada no nosso estudo. A pesquisa está relacionada com o tema avaliação da aprendizagem, e o título do trabalho é “Avaliação da aprendizagem escolar: contribuições e influências no processo de desenvolvimento intelectual dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental” em uma Escola Estadual no município de Parintins, Amazonas. A mesma buscou compreender quais as contribuições e influências a avaliação da aprendizagem tem sobre o desenvolvimento intelectual dos alunos, através dos relatos dos professores que lecionam nessas turmas.

Trata-se de uma abordagem qualitativa, de acordo com Minayo (2001), não quantifica a realidade existente, atua no que não se pode mensurar, envolvem questões subjetivas como: os significados e as motivações que ocasionam as ocorrências dos fenômenos, as crenças, valores e atitudes.

Na ótica de Pereira (2018, p. 67) “os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo”. É necessário que o pesquisador traga sua identidade através de opiniões e ideias próprias, justamente nesse momento que o método qualitativo é posto em prática.

Oliveira (2002), afirma que esse tipo de abordagem não emprega dados estatísticos como centro da pesquisa, pois não pretende numerar ou medir uma realidade. Entendemos que a pesquisa em questão ocorreu no campo qualitativo pelo fato da compreensão da relação entre a causa e o efeito do fenômeno educacional chamado avaliação da aprendizagem.

2.2 Método de abordagem e de procedimento

Não é possível fazer ciência sem método, e esse caminha de mãos dadas com pesquisador desde o início da jornada (projeto de pesquisa). Por conta disso, foi escolhido o método fenomenológico para abordar e nortear o nosso estudo, por acreditarmos ser o mais viável. Por meio desse método, tivemos entendimento do fenômeno avaliação e os resultados das contribuições e influências no desenvolvimento intelectual dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental.

Lima (2014, p.10) conceitua esse método de abordagem como o “estudo dos fenômenos, daquilo que aparece a consciência, daquilo que é dado a partir de si mesmo”. Estudamos e compreendemos através das lentes da Fenomenologia como se apresentou a avaliação da aprendizagem escolar. Por intermédio da fenomenologia é possível compreender

as vivências e experiências das pessoas, as implicações e aspectos mais profundos que determinado fenômeno causa, por exemplo, as sensações, as emoções, os humores, os medos, são sentimentos que nos fazem perceber como as ocasiões agem sobre o ser humano.

Como método de procedimento, foi utilizado o estudo de caso por acreditarmos ser o mais adequado, pois é uma pesquisa que se debruçou sobre um fenômeno específico e único chamado avaliação, sempre na preocupação de compreender e desvendar a realidade existente nesse “caso”. De conformidade com Gil (2008), “o estudo de caso” exige que o pesquisador passe longe da superficialidade, é um estudo que permita conhecimentos com detalhes.

Os métodos de abordagem nortearam para que nossa pesquisa tivesse solidez e através disso responder as questões levantadas neste estudo, sem metodologia não teríamos executado nossa proposta de pesquisa, pois é imprescindível para o investigador conhecer e principalmente saber aplicar no contexto em que foi realizado o estudo.

2.3 Técnicas de pesquisa

Todo pesquisador precisa de instrumentos para construir seu trabalho, é através desses mecanismos que conseguimos dar respostas ao problema da pesquisa, existem diversos instrumentos de coleta de dados, e para esse trabalho escolhemos a entrevista semiestruturada.

Na perspectiva de Marconi (2015), esse instrumento visa obter informações por meio da verbalização dos entrevistados, oferecendo diversas vantagens, entre elas: avaliar atitudes e condutas, obter informações precisas, maior flexibilidade ao garantir a retomada de algo que não foi compreendido, entre outras.

Severino (2007), afirma que por meio dessa técnica de coleta de dados (entrevista) é possível interação entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa. O pesquisador vai apreender através da fala, do discurso livre o que os pesquisados sabem e pensam de determinado assunto. O entrevistador deve ser passivo, sem intervir nas ideias e subjetividades dos entrevistados, pois a real opinião é o âmago, ou seja, é a essência do trabalho.

As entrevistas foram realizadas com professores que atuam no 5º ano do Ensino Fundamental. Como suporte tecnológico usamos o gravador de voz e a transcrição das falas para a escrita foi realizada com auxílio de um aplicativo que faz essa função. Esses aparatos facilitaram e deram celeridade ao processo de construção do trabalho do pesquisador, ora construtor deste trabalho investigativo.

2.4 Contexto da investigação

A investigação ocorreu em uma Escola Estadual, localizada na rua Lindolfo Monte Verde, nº 3403 Bairro São Benedito, no município de Parintins, Estado do Amazonas. Tem como mantenedora a Secretaria de Estado de Educação-SEDUC/AM. A escola iniciou suas atividades em 14 de maio de 1968 pelo decreto nº 114/68 na administração do então Governador Danilo Duarte de Matos Areosa.

Atende demanda de alunos que estão no Ensino Fundamental I, nos turnos matutino e vespertino. Os alunos possuem realidade socioeconômica distinta uns dos outros, uma vez que a escola atende crianças de todos os bairros de Parintins, inclusive das áreas de ocupações. Dessa forma os alunos trazem seus diferentes traços culturais e sociais para o âmbito escolar. A escola dispõe de professores qualificados para atender todos os alunos, e para os alunos com necessidades educacionais especiais tem professores auxiliares que fazem o acompanhamento dentro da sala de aula.



Figura 01: Contexto da pesquisa
Fonte: Registro feito pelo acadêmico, 2022.

2.5 Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida juntamente com a participação de 03 professores, esses têm vasta experiência nas turmas de 5º anos na escola acima citada. Lancei a proposta da investigação e logo se prontificaram em colaborar conosco. Responderam as questões norteadoras, sem nenhum receio ou inibição, mas com veracidade. No capítulo III, suas concepções sobre a avaliação da aprendizagem são analisadas e para preservação de suas identidades foram chamados de Estrela, Lua e Sol, por iluminarem de conhecimento o caminho da aprendizagem de seus alunos.

O que motivou a escolha dos sujeitos da pesquisa foi o convívio com esses professores durante o desenvolvimento dos programas ofertados pelo governo federal e principalmente por serem da “linha de frente” na preparação das avaliações externas, onde pude estar em sala observando e participando. Aprendendo cada macete na hora de avaliar o aluno, na hora de cobrar os trabalhos e nas preparações para as provas do SAEB e Prova Brasil. Foi justamente a partir desse contato que pude perceber que a avaliação não pode ser dissociada do processo de ensino e aprendizagem e como a mesma contribui consideravelmente nesse processo formativo na vida dos alunos.

CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Concepção de avaliação utilizada na prática avaliativa do professor

Todo ser humano tem suas subjetividades e cada um observa a realidade de um ângulo diferente, a partir disso formam conceitos e significações, demonstram atitudes como: ética, moral, valores, entre outros. Tudo ocorre de acordo com a concepção que foi construída no decorrer das suas vivências e experiências, nesse sentido, ao questionarmos os professores sobre qual a concepção de avaliação utilizam em suas práticas avaliativas, tivemos respostas diferentes, as quais podemos observar nos relatos abaixo. O professor “Estrela” respondeu da seguinte forma:

A avaliação é um método pra mensurar a aprendizagem do aluno. Somativa pela questão do sistema que exige que se tenha uma nota, mas o objetivo principal é mensurar o nível de progressão de quanto ele aprendeu naquele período de estudo. (PROFESSOR ESTRELA, 2022)

A perspectiva explícita na prática avaliativa desse professor tem em sua gênese a função da avaliação como somativa, além de considerá-la como um método que mensura os alunos no sentido de suas aprendizagens. Acreditamos que seja pelo fato de ser muito cobrada pelo sistema de ensino, onde é exigido do professor a cada bimestre, coeficientes, ou seja, notas que meçam o quanto a educação está evoluindo ou regredindo. Também presenciamos na sua fala, a avaliação como mensuração do desenvolvimento do aluno durante certo período de estudo.

Para Libâneo (2013, p. 216) “a mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa.”. Essa apreciação deve ter os vieses: didático, pedagógico, diagnóstico e de controle, uma vez que o processo avaliativo não se resume apenas a atribuições de notas. O professor “Lua” traz uma resposta mais abrangente do que o professor “Estrela”, mas se entrelaçam e seguem o mesmo rumo. Vamos nos debruçar para compreendermos sua concepção sobre avaliação:

A avaliação na minha concepção é esse processo de mediação do currículo e nós trabalhamos dentro de uma concepção de avaliação formativa, que é formar a partir daquilo que é proposto dentro do currículo. Essa avaliação se dá através das atividades de revisão, das atividades escritas diariamente. Também temos a avaliação que nós chamamos de cumulativa que é a pontuação deles que a gente vai somando nas avaliações, dando uma média.

A avaliação diagnóstica também vai dar esse olhar a partir do trabalho que foi realizado. Então é formativa, ela é cumulativa e ela é diagnóstica. (PROFESSOR LUA, 2022)

Presenciamos no discurso acima três modalidades de avaliação: a formativa, a cumulativa que acreditamos ser a somativa e a diagnóstica. Concordamos que a ação de avaliar a partir do currículo é necessária, mas até que ponto o professor através das lentes dessa modalidade pode perceber o quanto o aluno aprendeu e até onde pode evoluir? Para ter essa percepção a professora se apega na avaliação como diagnóstico, pois permite esse olhar mais ampliado e minucioso, mas para isso, não apenas deve ser realizada no início do ano letivo, e sim durante todo o processo, paulatinamente.

Nas respostas dadas pelos professores Estrela e Lua, foi perceptível que há cobrança dos superiores responsáveis pela educação, onde os mesmos querem evidências, notas, indícios satisfatórios, mas realmente esses indícios trazem a tona realidade educacional? Sobre isso não poderíamos deixar de citar a declaração do professor Lua sobre o sistema de ensino, pois chamou nossa atenção quando afirmou que *“me sinto amarrado pelo sistema de ensino, pois nos deixa muito preso as médias e a produção dos bancos de dados fazem a gente perder muito tempo”*.

As notas não comprovam de maneira geral se o aluno aprendeu ou não, concordamos, mas somos cientes que a educação é regida por um sistema, todo sistema precisa mostrar porque existe, sua existência tem origem nos indícios, sempre foi assim e sempre vai ser. Cabe ao professor ir de acordo como a “banda toca”, mas o que interessa é que em sala de aula dê o seu melhor, contribuindo para o desenvolvimento dos seus alunos. Sobre as três formas de avaliar encontradas no discurso do professor “Lua”, compreendemos que são necessárias, pois se complementam, para corroborar conosco trazemos Duarte (2015, p. 55), onde nos alerta que a avaliação:

[...] deve ter três funções básicas: a função diagnóstica, que se refere ao conhecimento da realidade através da observação, diálogo e do desenvolvimento de estratégias que possibilitem a caracterização dos espaços, dos sujeitos, das condições a priori; a função formativa, caracterizada por ações avaliativas que propiciam a formação contínua e sistemática durante o processo; e a função somativa, uma análise conclusiva, donde são somados todos os elementos constitutivos da avaliação.

O autor salientou que deve ter essas funções, não que era obrigado. Cada professor tem sua maneira de compreender a avaliação e a partir da concepção avalia seus alunos.

Trouxemos duas concepções até o momento, por último o professor “Sol” relata sua concepção sobre avaliação:

Eu vejo a avaliação como um diagnóstico tanto da prática do professor quanto da aprendizagem do aluno. Através da avaliação o professor pode ver se alcançou os seus objetivos e o aluno se alcançou uma aprendizagem satisfatória. Então é diagnóstico da prática do professor e da aprendizagem do aluno. (PROFESSOR SOL, 2022)

Nessa concepção, observamos a avaliação como diagnóstico, professor e aluno são avaliados, diferente da concepção tradicional onde o professor é o centro. A partir dessa visão tanto o ensino, como a aprendizagem avançam, pois se os instrumentos de verificação apontarem resultados satisfatórios, a prática docente do professor foi eficaz, se não foi, é possível rever onde errou e reformular, traçar e replanejar para alcançar os objetivos propostos.

Serve também para ver em que estágio de aprendizagem o aluno se encontra. Sobre essa concepção, Sant’Anna (2001) afirma que o propósito é dar informação sobre o que rendeu de aprendizagem, entendemos que abre possibilidades de perceber onde está a “ferida” do processo de ensino e aprendizagem e tentar curá-la.

Avaliar com coerência nunca foi fácil, essas modalidades de avaliação são tentativas que deram certo, mas com o decorrer dos anos a realidade encontrada em sala de aula requer dos professores muito mais que uma mera mensuração. Percebemos que esses professores tentam transformar, não reproduzir, suas concepções mudaram no decorrer das suas experiências, o processo avaliativo de cada professor vem se transformando a partir de estudos, podemos dizer que as lutas, os debates dos que vieram antes de nós não foi à toa, hoje deságuam esses conhecimentos na prática docente.

3.2 Contribuições e influências da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos

Nesse tópico, discorreremos sobre a gênese da nossa investigação, que é compreender quais as contribuições e influências da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, sob as lentes dos professores que lecionam nessas turmas. A ação avaliativa desses mestres pode contribuir para o desenvolvimento intelectual dos alunos, deste modo perguntamos aos professores quais as

contribuições e influências da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos? O professor Estrela que:

Para o aluno e professor, em ambas as partes, porque o professor a partir da avaliação pode perceber qual é o nível do aluno e a partir disso ele vai programar a prática de ensino. Então é para os dois, porque se o professor consegue perceber o tanto que o aluno aprendeu ou em que nível ele está, é possível focar o ensino naquilo que o aluno tem mais dificuldade. (PROFESSOR ESTRELA, 2022)

O professor Estrela tem consciência da importância que a avaliação tem para o processo de ensino e aprendizagem. A avaliação é uma via de mão dupla, onde professores e alunos caminham na mesma direção que é o sucesso escolar, mas esse sucesso somente vem se ambos tiverem compromisso e dedicação para obterem o resultado esperado.

Sobre o resultado da aprendizagem, Tiballi (2007, p. 322) diz que “a nota é, queiramos ou não, do aluno e do professor. Assim, ao avaliar o aluno o professor também será avaliado.”. É como se fosse uma canoa, onde aluno e professor devem remar no mesmo sentido, caso um dos dois faça o contrário, logicamente que não haverá êxito. O desenvolvimento intelectual, que é demonstrado a partir de números, é dos dois, mas podemos incluir também nessa construção, a escola e os pais. O professor “Lua” deu resposta semelhante a do professor Estrela, vamos as suas palavras para entendermos as implicações da avaliação da aprendizagem na vida escolar dos alunos:

A avaliação da aprendizagem nesse processo é muito importante dentro da educação. Por que ela vai trazer realmente esse Feedback pra nós professores e alunos. A avaliação vai nos dar uma resposta se de fato o que foi planejado, como meta, como objetivo, se de fato eu consegui chegar a esse objetivo, se eu alcancei a minha meta, se eu alcancei aquilo que eu tracei. (PROFESSOR LUA, 2022)

A avaliação é traçada no planejamento do professor, ao escolher os instrumentos avaliativos. Através desses instrumentos é possível verificar se as metas e os objetivos foram alcançados, caso o contrário, traz possibilidades de rever para prosseguir. O professor Lua menciona a avaliação como Feedback, ou seja, a troca de informações que a avaliação proporciona para alunos e professores. Na ótica de Sant’Anna (2001, p. 34) a avaliação da aprendizagem.

[...] tem como função informar o aluno e o professor sobre os resultados que estão sendo alcançados durante o desenvolvimento das atividades; melhorar o ensino e a aprendizagem; localizar, apontar, discriminar deficiências,

insuficiências, no desenvolvimento do ensino aprendizagem para eliminá-las; proporcionar feedback de ação (leitura, explicações, exercícios).

Essa contribuição que a avaliação nos possibilita, não somente deve “localizar” ou “apontar” deficiências, mas que proporcione ação, e que seja um instrumento impulsionador da aprendizagem, não apenas de constatação, no sentido de um apreciar qualitativo que deve ser construído junto aos alunos, no discurso do professor Lua percebemos a presença dos alunos na construção desse processo.

Os alunos também se dão conta desse processo. ‘Professora eu de fato eu já consegui construir essa resposta’. ‘Eu não consegui’. ‘Então como que a senhora poderia me explicar?’ Eles vão geralmente mais no particular quando não conseguem. (PROFESSOR LUA, 2022)

É importante a participação dos alunos no processo avaliativo, dar voz, e fazê-los perceber o porquê de serem avaliados, compreendemos que esse movimento potencializa o desenvolvimento intelectual. Apoderando-se dessa consciência, os traumas e medos trazidos historicamente na avaliação podem ser minimizados. Para Fernandes (2005, p. 62), o professor “Lua” está agindo de maneira correta, pois “partilhar o poder de avaliar com os alunos e outros intervenientes, [...] é um processo indispensável para que a avaliação se integre plenamente no processo do ensino-aprendizagem.”.

Estamos no caminho certo, mas para que de fato a avaliação da aprendizagem atinja o objetivo de ser diversificada, integral e contínua, é necessário que o ciclo: escola, professores, alunos e pais estejam em harmonia, mas esse ambiente harmônico somente é possível depois que esses quatro integrantes tomem consciência da importância da avaliação para o avanço educacional. Na resposta do professor “Sol”, podemos perceber que:

Não há como ter um processo de ensino aprendizagem e não avaliar. Vemos a avaliação como contínua, tudo o que acontece na escola faz parte desse processo de avaliação e não podemos descartar porque se a educação é um processo, a avaliação vai dizer em que parte o aluno está nesse processo, nesse desenvolvimento intelectual a cada dia. Então não há como descartar a avaliação, a avaliação é necessária. É necessário a gente estar sempre avaliando para ver o quanto a criança já desenvolveu e o que ela ainda precisa desenvolver. (PROFESSOR SOL, 2022)

Por intermédio da perspectiva do professor “Sol”, observamos que descartar a avaliação do processo de ensino e aprendizagem é análogo a cortar o fio neutro de uma ligação elétrica residencial, certeza que as lâmpadas, os eletrodomésticos e todo aparelho que necessita de energia não iria funcionar, ou seja, é impossível fazer educação sem avaliar.

Trazemos abaixo um quadro enumerando algumas contribuições e influências da avaliação da aprendizagem a partir da fala dos três professores para potencializar o desenvolvimento intelectual dos alunos, em específico os que estudam no 5º ano do Ensino Fundamental.

Quadro 01 – Contribuições e influências da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos do 5º do Ensino Fundamental

1.	Detecta o nível de aprendizagem do aluno.
2.	Permite focalizar nas dificuldades de aprendizagem que os alunos apresentam.
3.	Traz feedback da prática do professor e da aprendizagem do aluno.
4.	Dá resposta ao que foi planejado no início de cada período de estudo
5.	Possibilita melhorar o desempenho.
6.	Constata e impulsiona a aprendizagem.
7.	Possibilita o aluno perceber em que parte do processo avaliativo se encontra.

Fonte: Elaborado pelo acadêmico, 2022.

Esse quadro mostra as contribuições que avaliação traz para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Entendemos que a avaliação é a luz que encandeia para o progresso educacional, mas não qualquer avaliação, Luckesi (2012, p. 18) nos explica que a ação avaliativa praticada pelo professor em sala de aula deve seguir:

[...] um rigor metodológico que lhe garante validade no que expressa. Ocorre que, frequentemente, na prática educativa, especialmente a escolar, não se tem rigor metodológico na prática da avaliação, o que possibilita efetivamente um subjetivismo exacerbado, que, por sua vez, significa a presença de distorções. [...] Praticar a avaliação, nos seus diversos segmentos, sem rigor metodológico, permite que ela seja praticada ao bel-prazer do sistema, assim como dos educadores, que são seus representantes.

Concordamos, pois sem conhecimento técnico e metodológico, qualquer caminho serve, acreditamos que esse seja um dos fatores preponderantes que causaram os medos e traumas relacionados ao tema avaliação em sala de aula. Vasconcelos (1995, p. 37) elencou alguns dos distúrbios físicos e emocionais que uma avaliação mal elaborada traz como consequência para os alunos, quais sejam: “a) Mal-estar; b) Dor de cabeça; c) O famoso “branco”; d) Medo; e) Angústia; f) Insônia; g) Ansiedade; h) Decepção, i) introjeção de autoimagem negativa”.

Através das falas dos professores entrevistados, podemos perceber que esse cenário está mudando gradualmente, efeitos de muitos estudos e debates acerca do tema. Acreditamos que um processo avaliativo eficaz seria capaz de perceber as diversidades, subjetividades e

especificidade de cada aluno, avaliá-lo de forma holística e integral em todos os seus aspectos. Ser coerente é valorizar o aluno e não reduzi-lo a uma nota, a um conceito, a um momento programático estabelecido e imposto, pois as provas em que são submetidos trazem números e coeficientes que muitas vezes não expressam o seu total conhecimento.

3.3 Instrumentos avaliativos utilizados pelo professor

A ação avaliativa necessita de ferramentas para que a aprendizagem possa ser expressa e visualizada, seja qualitativamente ou quantitativamente. Essas ferramentas, denominamos de instrumentos avaliativos. São imprescindíveis para que o professor possa compreender em que estágio de desenvolvimento intelectual os alunos se encontram. Agora vamos identificar quais os instrumentos avaliativos utilizados em sala de aula pelos professores do 5º do ensino fundamental. Sobre essa questão o professor “Estrela” afirmou que:

“Eu trabalho muito com observação, mas também a gente faz uma prova objetiva para perceber o que o aluno conseguiu compreender naquele período. A gente considera todo o processo porque numa avaliação as vezes o aluno responde algo ou as vezes até errado por falta de atenção, mas durante o processo conseguimos perceber quanto o aluno aprendeu. Então acho que a avaliação deve ocorrer em todo o processo de ensino”.
(PROFESSOR ESTRELA, 2022)

O professor Estrela considera que a avaliação deve ocorrer processualmente, ou seja, avalia o desempenho durante as aulas, por conta disso, faz uso da observação. Sabemos que não é possível perceber quanto o aluno aprendeu somente com a prova objetiva, pois o processo avaliativo torna-se vago, defasado, inacabado. É necessário, assim como o professor “Estrela”, recorrer a outras ferramentas complementares para perceber o aluno de forma integral. Entendemos que a maneira como o professor “Estrela” utiliza os instrumentos em sala de aula está correta, pois Hoffmann (2005, p. 119) afirma que os instrumentos avaliativos devem ter duas naturezas:

Ora é o aluno que é levado a fazer os próprios registros, expressando o seu conhecimento em tarefas, testes, desenhos, trabalhos e outros instrumentos elaborados pelo professor. Ora é o professor quem registra o que observou do aluno, fazendo anotações e outros apontamentos. Quanto mais frequentes e significativos forem tais registros, nos dois sentidos, melhores serão as condições do professor de adequar as ações educativas às possibilidades de cada grupo e de cada aluno.

Ter consciência de que os instrumentos avaliativos devem seguir essa linha de ação, onde professor e aluno registram o passo a passo do processo de aquisição de conhecimento é crucial para desenvolver as competências e habilidades. A autora nos aconselha que esses registros devam ser com mais frequência, pois possibilita agir e adequar conforme a necessidade de cada aluno. É importante avaliarmos nossos alunos constantemente, seja na hora do recreio, da entrada e saída, em todas as ocasiões possíveis, não somente na hora das provas.

Ainda encontramos nos dias de hoje práticas avaliativas errôneas, mas percebemos mudança na forma de avaliar dos professores. Vale enfatizar que a elaboração de ótimos instrumentos avaliativos contribui para o desenvolvimento dos alunos. Mas como fazer um ótimo instrumento avaliativo? Luckesi (2011, p. 10) afirma que:

Muitas vezes, nossos educandos são competentes em suas habilidades, mas nossos instrumentos de coleta de dados são inadequados e, por isso, os julgamos, incorretamente, como incompetentes. Na verdade, o defeito está em nossos instrumentos, e não no seu desempenho. Bons instrumentos de avaliação da aprendizagem são condições de uma prática satisfatória de avaliação na escola.

Acreditamos que um bom instrumento avaliativo, necessita ser elaborado de forma em que o aluno se perceba no processo, trazendo significados que façam sentido. Não existe instrumento perfeito e nem inédito, a diferença está na forma como é aplicado em sala de aula. Alvarenga (2002, p. 60) nos diz que “a qualidade do trabalho desenvolvido pelo professor depende da sua vontade e responsabilidade profissional. O professor bem preparado tem recursos eficazes nas mãos para trabalhar com seus alunos.”.

O compromisso e dedicação com nossos alunos faz toda diferença, ou seja, não devemos “empurrar com a barriga”, fazer educação de qualquer jeito, pois assim como o médico em um erro cirúrgico pode levar uma pessoa à morte, o professor “desleixado” pode causar o insucesso na vida de seu aluno. Detectamos quais instrumentos avaliativos o professor Lua utiliza em sua prática docente

Observação direta é um dos instrumentos que eu utilizo. A gente também faz uma avaliação diagnóstica oral, um levantamento prévio do que eles sabem. Dentro dos instrumentos formativos as atividades escritas, atividades de revisão, avaliação objetiva e avaliação discursiva. Trabalhamos também com pesquisa, com seminários, sempre fazendo uma sequência didática. (PROFESSOR LUA, 2022)

O professor Lua usa diversos instrumentos avaliativos, fazendo inclusive sequência didática. São instrumentos formativos, de diagnóstico, quantitativos pela questão da nota e qualitativos quando usa a observação e outros meios. São imprescindíveis os instrumentos que viabilizem verificar os conhecimentos trazidos dos anos anteriores, pois possibilitam traçar novos planos durante o ano letivo. Provas orais, escritas e objetivas mostrarão por meio do diagnóstico o nível de conhecimento que o aluno possui através da quantificação.

Uma observação importante, o professor Lua utiliza a pesquisa e o seminário como instrumentos avaliativos. Esses instrumentos potencializam consideravelmente o desenvolvimento intelectual dos alunos, especificamente os que estão no 5º ano do Ensino Fundamental. Ressaltamos que fazer uma sequência didática da pesquisa ao seminário é fundamental para a evolução de nossos alunos, pois através desses instrumentos é possível fomentar o poder de investigação, de síntese, além das habilidades de oratória, de trabalho em equipe, entre outras. Essa prática avaliativa deveria ser mais utilizada em sala de aula, acreditamos que poucos professores fazem uso desses instrumentos, poderia até ser uma temática de investigação.

Na perspectiva de Gatti (2003, p. 99), é necessária a utilização de instrumentos avaliativos que “[...] ensejem avaliação de processos de aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de atitudes, de formas de estudo e trabalho, individual ou coletivamente [...]”. Entendemos que é preciso utilizar instrumentos avaliativos diferenciados dos tradicionais, sem esquecê-los, conectando-os como o professor Lua faz, sequencialmente. Cada professor tem suas particularidades na forma de avaliar, por conta disso, verificamos quais os instrumentos o professor Sol utilizou na sua ação avaliativa para termos um panorama de outro ângulo, pois visões diferentes enriquecem nossa compreensão e ajudam a entender melhor, assim como os leitores deste estudo, nossa temática de investigação.

Nós temos dois tipos de avaliação que é a avaliação qualitativa e avaliação quantitativa. A quantitativa, fazemos através de exercícios, através de provas, através de trabalhos, trabalhos em grupos, montagens, pesquisas. A avaliação qualitativa ela é feita através da observação do dia a dia do aluno. Através da pontualidade, da assiduidade, da organização, da criatividade, da relação interpessoal. Então é muito mais do que uma única prova que vai definir a nota desse aluno ou em que nível ele está de aprendizagem. (PROFESSOR SOL, 2022)

No seu discurso, conceitua duas vertentes de instrumentos avaliativos, os que estão inseridos numa concepção de avaliação quantitativa e os que estão na qualitativa. Os

instrumentos que podemos chamar de quantitativos são: os exercícios, as provas, os trabalhos individual e grupal, pesquisas, entre outros. Os qualitativos são: a observação, a pontualidade, a assiduidade, a organização, a criatividade e relação interpessoal. No seu processo avaliativo o professor Sol engloba tantos os aspectos quantitativos, como qualitativos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no seu artigo 24, inciso V, nos mostra algumas diretrizes no momento de avaliar:

[...] a verificação do rendimento escolar deve se dar por meio de: a) uma avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. (BRASIL, 1996, p. 18).

É notável que na lei que rege a educação brasileira, a avaliação qualitativa tem mais valor agregado na média final, pois equivale 60% e a quantitativa 40% conforme afirma o professor Sol *“As avaliações qualitativas valem 6 pontos, somadas com 4 pontos das quantitativas resultando na média”*. Para Demo (2004, p. 156), *“a avaliação qualitativa pretende ultrapassar a avaliação quantitativa, sem dispensar esta. Entende que no espaço educativo os processos são mais relevantes que os produtos, não fazendo jus à realidade, se reduzida apenas às manifestações empiricamente mensuráveis.”*

Avaliar qualitativamente e quantitativamente é importante, pois são ações complementares. O professor que somente avalia numa perspectiva, necessita corrigir sua concepção. Os instrumentos que mensuram, são igualmente necessários como os que permitem refletir sobre o desenvolvimento intelectual de nossos alunos. Acreditamos que equilíbrio é o tempero para uma boa prática avaliativa.

3.4 Autoavaliação do professor (a) em relação a sua forma de avaliar

Como mencionamos na introdução do nosso estudo, estamos constantemente na condição de avaliadores, avaliados e autoavaliadores. Durante nossa análise, tivemos um panorama a partir da ótica de avaliador, momento em que o professor usa critérios para avaliar seus alunos, ao mesmo tempo em que a avaliação permite a condição de avaliados. A avaliação é uma *“espada de dois gumes”* e coloca o professor nessas duas situações, de avaliador e de avaliado. O que nos compete nesse tópico é descobrir se existe autoavaliação do professor (a) em relação a sua forma de avaliar:

Avaliar minha própria avaliação é quando eu percebo que não está tendo um bom resultado, que é preciso trocar os métodos. Nem sempre eu utilizo a

prova objetiva, as vezes eu faço uma prova discursiva pedindo a opinião dos alunos, então utilizo assim, a partir do resultado dos alunos. (PROFESSOR ESTRELA)

A autoavaliação do professor Estrela acontece a partir dos resultados que consegue extrair da aprendizagem de seus alunos. Esses dados permitem perceber se as metodologias de ensino empregadas na sua prática docente e os instrumentos avaliativos escolhidos no seu planejamento proporcionaram a aprendizagem e o impacto esperados nos alunos. Se não forem satisfatórios, algo de errado aconteceu, se deu certo, foi eficaz o plano traçado no início do ciclo de estudo.

Nem sempre é fácil esse movimento de se autoavaliar, para Rodrigues e Peralta (2008) quando professor avalia o seu próprio desempenho é necessário refletir sobre as suas práticas para melhorá-las, os fatos e o contexto que condicionam, para que possa tomar decisões que contribuam para potencializar o desempenho de seus alunos.

Autoanalisar-se, tornar-se parte crucial do processo avaliativo, pois o professor que comete o erro de se considerar “inerrável”, ou seja, aquele que não erra, é prejudicial. Então enfatizamos que a autoavaliação dos professores é necessária, pois melhora o seu desempenho, e conseqüentemente, trás benefícios aos alunos. O professor “Lua” procede segue a mesma linha do professor Estrela ao autoavaliar-se.

Eu faço quando vejo que meus objetivos não são alcançados, sento e vejo o que foi que eu fiz que não deu certo? Onde é que eu preciso melhorar? Traço um novo objetivo, uma nova forma de avaliar, uma proposta que envolva eles, que chame atenção. (PROFESSOR LUA, 2022)

Percebe que é preciso renovar-se constantemente, levando em consideração que novas situações de aprendizagem surgirão, e desse ponto traçar propostas avaliativas diferentes que envolvam os alunos como o professor Lua menciona, é animador. A docência nunca foi fácil e nunca vai ser, pois seremos eternos alunos, sobre isso Carvalho (2011, p. 53), afirma que “o professor deve ser entendido como aprendente ao longo da vida”, mas entender que é preciso estudar novas práticas avaliativas depende de profissional comprometido com o que gosta de fazer. Dessa maneira, a ação de autoavaliar-se contribuirá para o seu desenvolvimento profissional, Segundo Day (1999, p. 18) esse é o momento em que os professores:

[...] enquanto agentes de mudança, revêm, renovam e ampliam, individual ou coletivamente, o seu compromisso com os propósitos morais do ensino, adquirem e desenvolvem, de forma crítica, juntamente com as crianças, jovens e colegas, o conhecimento, as destrezas e a inteligência emocional,

essenciais para uma reflexão, planificação e prática profissionais eficazes [...].

Essa postura compromissada com a educação de nossos alunos é possível também através da autoavaliação, olhar para si e perceber que é preciso melhorar, renovar, inovar, procurar meios que elevem o nível de conhecimento de seus alunos, novas metodologias, novas formas de avaliar. Sobre o tópico em questão vejamos o que o professor Sol relatou sobre autoavaliar-se

Eu me autoavalio constantemente através das atividades, através das avaliações externas como o SAEB, a Prova Brasil. Constantemente me avaliando, vendo o que falta, onde estou errando, onde estou falhando e tentando melhorar, ver outras possibilidades, outras maneiras de que essas crianças possam aprender. Mas sempre pegando pra mim, porque sei que eu faço parte do processo, sempre vejo a educação como um tripé. Professor, aluno e comunidade, no caso a família. (PROFESSOR SOL)

O professor Sol percebe que é peça importantíssima no processo avaliativo de seus alunos, por conta disso, está em constante autoavaliação para rever se os instrumentos escolhidos e definidos no seu plano foram eficazes e alcançaram os objetivos. Por isso ressaltamos que a autoavaliação é necessária na prática docente, em conformidade a ótica de Carvalho (2011, p. 53):

[...] torna-se fundamental e até exigível a realização de uma rigorosa autoavaliação que possibilite um olhar retrospectivo do exercício profissional que se pretende que seja de reposicionamento e de mudança, tendo em linha de conta que a prática docente não deve medir-se baseando-se em resultados quantitativos, mas sim qualitativos, atendendo ao processo e não exclusivamente aos resultados obtidos.

Chegamos ao ponto central desse tópico, a autoavaliação não deve se basear apenas no resultado, mas principalmente no processo. Ao longo de nosso estudo sempre enfatizamos o enfoque no processo. Defendemos que é necessário autoavaliar-se, mas não somente a partir do resultado final, por exemplo, uma prova como a do SAEB, é um dado que deve ser levado em consideração, mas como coadjuvante.

Dessa forma, a autoavaliação deve ser uma retrospectiva das ações avaliativas ao longo de certo período de estudo, onde professor possa observar e refletir de forma global, onde errou e ajustar, o que deu certo manter, pesquisar novos meios que entretenham seus

alunos, fomentando um desenvolvimento intelectual considerável e plausível. Professor, perceba sua importância na vida de seus alunos, seja o porto seguro de transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou compreender através dos relatos dos professores, quais as contribuições e influências da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Por intermédio do percurso traçado durante nossa investigação, foi possível analisar as concepções de avaliação, identificar quais instrumentos avaliativos foram usados em sala de aula e verificar se existe autoavaliação do professor em relação a sua forma de avaliar. Levantamentos que foram cruciais para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

No primeiro momento foi necessário dialogarmos com teóricos da área para entendermos conceitos e contribuições que a avaliação da aprendizagem traz para o processo de ensino e aprendizagem. Através da lente de diversos especialistas foi possível perceber que a avaliação da aprendizagem não pode ser dissociada da educação, pois é parte fundamental e importante.

Em seguida apresentamos alguns instrumentos avaliativos como: as provas (objetiva, dissertativa e oral), a pesquisa, o portfólio, o seminário, o relatório, entre outros. Mostramos que as provas “o bicho papão”, pode ter eficácia assim como os demais instrumentos e que devemos enquanto professores habituar os alunos em relação a esse tipo de ferramenta para avaliar o seu desenvolvimento, pois essa caminhará com eles durante toda sua vida.

Por fim, mostramos algumas modalidades de avaliações utilizadas na educação brasileira, e como é importante o professor fazer uso em sua prática docente, modalidades que estão atreladas as tendências pedagógicas e essas demonstram que tipo de homem e sociedade queremos formar.

Essa retomada levando em consideração o que já foi discutido sobre o tema, deram norte para nosso estudo. Apesar de ser muito debatido, o fenômeno avaliação ainda continua inacabado, inesgotável e muitas pautas ainda precisam ser trazidas, inclusive a que trazemos, sobre as contribuições e influências no processo de desenvolvimento intelectual dos alunos, em específico do 5º ano do Ensino Fundamental.

A metodologia empregada na investigação deu suporte para obtermos os resultados que consideramos satisfatórios. Não focamos em quantificar o “caso”, mas refletir, trazendo um olhar diferenciado, mais profundo acerca do fenômeno apresentado. Nosso instrumento de coleta de dados deu aval e as vozes captadas pelo gravador de celular mostraram que a avaliação traz contribuições para o professor e principalmente para os alunos. Por meio do

percurso metodológico traçado foi possível responder com as questões levantadas neste estudo.

Ao analisarmos as respostas dadas ao questionamento sobre a concepção de avaliação de cada professor, obtivemos respostas diferentes e outras até se entrelaçam. Através das falas dos sujeitos podemos perceber que o aluno não é avaliado de forma punitiva. São avaliações numa perspectiva diagnóstica, formativa, mediadora, onde o professor é aquele que ajuda, que auxilia, que media o conhecimento. Buscam novas propostas avaliativas que façam sentido ao aluno e que potencialize o seu desenvolvimento intelectual.

Dessa forma, a avaliação trás contribuições para o processo ensino e aprendizagem. Através da fala do professor Lua, este concebe que a avaliação tem a função de diagnosticar, de formar e mediar o conhecimento. Enfatizamos que é necessária uma ação avaliativa que seja possível detectar o nível de aprendizagem dos alunos, permitindo focalizar nas dificuldades de aprendizagem que são apresentadas, além de trazer feedback para o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando melhorar o desempenho dos alunos, avaliação que não somente constata, mas impulsiona e que permita ao aluno perceber em que parte do processo avaliativo se encontra.

Essas situações fomentam o desenvolvimento intelectual dos alunos, em especial, a partir do momento em que o professor não a usa de forma punitiva. Um processo avaliativo eficaz como enfatizamos durante nosso trabalho, seria perceber as diversidades, subjetividades e especificidades de cada aluno, avaliá-lo de forma holística e integral. Ressaltamos que o professor coerente e reflexivo é aquele que valoriza o aluno e não o reduz a uma nota, pois esses indícios não expressam o seu total conhecimento.

A ação de avaliar necessita de mecanismos para que possa ser executada, ou seja, de instrumentos avaliativos que façam a verificação e a apreciação do rendimento escolar. A partir do discurso dos sujeitos da pesquisa, foi possível identificar quais os instrumentos avaliativos são utilizados em sala de aula. Os mesmos fazem uso de provas objetiva e dissertativa, atividades de revisão, pesquisa, seminário que compõe os instrumentos quantitativos. Também temos a pontualidade, a assiduidade, a organização, a criatividade, a relação interpessoal, esses são instrumentos qualitativos, de acordo com os relatos dos professores.

Enfatizamos que esses instrumentos são fundamentais para perceber as dificuldades e a partir desse ponto traçar intervenções necessárias para sanar as deficiências tanto no ensino como na aprendizagem. É necessário trazer para sala de aula ferramentas que fomentem o desenvolvimento intelectual dos alunos e que promovam educação de qualidade.

Afirmamos que todo processo avaliativo necessita de avaliação, e esta acontece, de acordo com as palavras dos sujeitos, a partir dos resultados que conseguem extrair da aprendizagem dos alunos. Os dados coletados servem de base para autoanálise em relação as suas metodologias de ensino e os instrumentos avaliativos escolhidos no seu plano. A autoavaliação proporciona refletir acerca do trabalho desenvolvido em sala de aula e se o mesmo foi eficaz. Entendemos que autoavaliar-se é parte fundamental do processo avaliativo.

Destacamos que a autoavaliação não deve focar somente no resultado, mas no processo, onde é necessário o professor rever seus passos durante certo período de estudo para ter um apanhado geral da sua prática avaliativa para poder ajustar onde errou, e traçar novos planos, contribuindo assim no desenvolvimento intelectual de seus alunos.

Portanto, a partir do nosso estudo, foi possível compreender as contribuições que avaliação da aprendizagem proporciona e como influencia no desenvolvimento dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Avaliação não pode ser dissociada do processo de ensino e aprendizagem, uma vez excluída não é possível fazer educação e verificar o nível de compreensão dos alunos. Avaliar é necessário, mas que seja um processo avaliativo diversificado, integral e contínuo onde o professor é aquele que ajuda nesse processo, e não o que pune.

Sabemos das limitações de nossa investigação, e apesar do tema avaliação ter sido muito discutido, nossa pesquisa contribui para que novos pesquisadores discutam e continuem investigando, pois continuarão surgindo novas pautas a serem discutidas, de modo que quem ganha é a educação brasileira. Nosso dever aqui foi cumprido, somos gratos por fazer parte dos educadores brasileiros e até breve para novas discussões.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Merindo Janela. **Avaliação Educacional: Regulação e emancipação: para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ALVARENGA, G. M. Avaliação: o olhar dos alunos. In: ALVARENGA, G. M. (org). **Avaliação: o saber na transformação do fazer**. Londrina: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional, Editora da UEL, 2002.
- ALVES, L. Portfólios como instrumentos de avaliação dos processos de ensinagem. In: Anastasiou, L.; Alves, L. **Processos de ensinagem na Universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 6.ed. Joinville: Univille, 2006.
- ANTUNES, Celso. **Avaliação da aprendizagem escolar**. Fascículo 11, 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BALZAN, Newton Cesar. **Sete asserções inaceitáveis sobre inovação educacional**. Educação e sociedade. São Paulo: Cortez, 1980.
- BARBOSA, Jane Rangel Alves. **Didática do Ensino Superior**. 2. ed, Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2011.
- BATTALLASO. J. M. É possível uma avaliação democrática? Ou sobre a necessidade de avaliar educativamente. In: BALLESTER, Margarita (Org.). **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, p. 47-56, 2003.
- BRASIL, Lei 9.394/96. **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.
- CALDEIRA, A. M. S. **Avaliação e processo de ensino aprendizagem**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 3, p. 122, set/out, 2000.
- CAMARGO, Wanessa Fedrigo. **Avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental**. 101 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- CARVALHO, Esmeralda Maria Rodrigues de. **Auto-avaliação e desenvolvimento profissional docente: Estudo exploratório**, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação Área de Especialização em Avaliação, Universidade do Minho, 2011.
- CRESO, Franco. Quais as contribuições da avaliação para as políticas educacionais? (p.45-63). **Avaliação da Educação Básica – Pesquisa e Gestão** (org): Creso Franco, Alicia Bonamino, Nícia Bessa. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.
- DAY, C. Avaliação do Desenvolvimento profissional dos professores, in A. Estrela & A. Nóvoa (orgs). **Avaliações em Educação: Novas Perspectivas**. Porto: Porto Editora, 1999.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- _____. **Teoria e prática da avaliação qualitativa**. Temas do 2º Congresso Internacional sobre Avaliação na Educação. Curitiba, Paraná, 2004.
- DEPRESBITERIS, Léa. **O desafio da avaliação da aprendizagem: dos fundamentos a uma proposta inovadora**. São Paulo: EPU, 1989.
- DUARTE, C.E.L, **Avaliação da aprendizagem escolar: como os professores estão praticando avaliação na escola**. Rio Grande do Norte, 2015. Disponível em: www.researchgate.net.br. Acesso em: 16/07/2022.
- FERNANDES, Domingos. Dos fundamentos e das práticas. Da avaliação como medida à avaliação formativa (AFA). IN: _____ **Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas**. Lisboa: Texto: Editores, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 34. ed. Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 2002.
- GATTI, Bernardete A. **O professor e a Avaliação em Sala de Aula**. Estudos em Avaliação Educacional, n. 27, jan-jun/ 2003.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

- HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: Uma Prática em construção da pré-escola a Universidade**. Porto Alegre: Mediação 2004.
- _____. **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre a avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- _____. **Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre-RS: Mediação, 2017.
- KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. **Avaliação da aprendizagem como construção do saber**. Itajaí, 2005. Disponível em: [www.repositorio..ufsc.br](http://www.repositorio.ufsc.br). Acesso 12/05/2022.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação Escolar: Julgamento ou construção?** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- LIMA, M.B.A. **Ensaio sobre fenomenologia**. Ilheus: Editus, 2014.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**, 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. **Educação, Avaliação Qualitativa e Inovação – II**. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012.
- MAIA, Christiane; SCHEIBEL, Maria Fani. **Didática I**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2010.
- MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- MELCHIOR, M. C. **Avaliação pedagógica: função e necessidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- MÉNDEZ, J. M. Álvares. **Avaliar pra conhecer: examinar pra excluir**. Trad. Márgda Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria. Método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MUJICA, J. F. L; ETXEBARRIA, K. S. **Evaluacion educativa**. 2. ed. Madrid: Alianza, 2009.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- PEREIRA, Adriana Soares. **Metodologia da pesquisa científica** [recurso eletrônico]. 1. ed. Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018.
- PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- PIRES, Magna Natalia Marin. **Oportunidade para aprender: uma prática da reinvenção guiada na prova em fases**. Londrina, 2013. 122 f. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/gepema/Teses/2013%20-%20Tese%20%20Magna%20-Final%20final.pdf>>. Acesso em: 15/05/2022.
- RAMPAZZO, Sandra Regina dos Reis. **Instrumentos de avaliação: reflexões e possibilidades de uso no processo de ensino e aprendizagem**. Londrina, 2011. Disponível em: <http://www.diaadiaeducaçao.pr.gov.br>. Acesso em 23/06/2022.
- RIBAS, M. H. Avaliação formativa: sua importância para o processo ensino-aprendizagem. In: Nadal, B. G. (org). **Práticas pedagógicas nos anos iniciais: concepção e ação**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- RICCI, Cláudia Sapag. **Pesquisa como ensino**. Textos de apoio. Propostas de trabalho. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

- RODRIGUES, A; PERALTA, H. **Algumas considerações a propósito da avaliação do desempenho dos professores**. Ministério da Educação: DGRHE, 2008.
- SACRISTÁN, José Gimeno. A avaliação do ensino. In: GIMENO SACRISTÁN, J.; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Artmed, 1998.
- _____. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos**. 7. ed. Vozes. Petrópolis, 2001.
- SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória**. Desafio à teoria e a prática de avaliação e reformulação de currículo. Cortez Editora e Editora Autores Associados, 1988.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. ver. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Maria Heloísa Aguiar da; PEREZ, Isilda Louzano. **Docência no Ensino Superior**, Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.
- SILVA, J. F. Introdução: Avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva reguladora In: SILVA, J. F.; HOFFMANN, J. ESTEBAN, M. T.; (Orgs.). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas**. 10. ed. Porto Alegre- RS: Mediação, 2013.
- SORDI, Mara Regina L. de. Alternativas propositivas no campo da avaliação: por que não? In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.). **Temas e textos em metodologia do Ensino Superior**. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. **Limites pedagógicos da avaliação educacional**. Educativa: Goiânia, 2007.
- VASCONCELOS, Celso dos S. **Concepção Dialética e libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo, Libertad, 1995.
- VASCONCELOS, Celso dos S. **Avaliação da aprendizagem: Práticas de mudança, por uma práxis transformadora**, 9ª ed. São Paulo: Libertad, 2008.
- VILLAS BOAS, B.M. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. Campinas: Papirus, 2004.
- WEGMULLER, Edith. Et s'ils apprenaient à écrire en connaissance de cause!: L'omniprésence de l'évaluation formative. In: ALLAL, Linda; BAIN Daniel; PERRENOUD, Philipe (org.) **Évaluation formative et didactique du français**. Paris: Delachaux e Niestlé, 1993. P. 81-98.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estimado(a) professor(a) convido-lhe a participar, como voluntário(a) da pesquisa intitulada **“AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES E INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DOS ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL”**. Após ter ciência das informações sobre o estudo que serão detalhadas a seguir, fica a seu critério fazer parte desse estudo, caso queira participar por favor assinar ao final deste documento que está em duas vias, onde uma fica em sua posse e a outra pertence a pesquisadora responsável. Com este documento o sigilo de informações pessoais fica garantido.

O referido estudo tem como objetivo principal analisar as contribuições da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Motivado por tais pretensões, solicitamos a gentileza de nos conceder por meio do **questionário aberto** os dados necessários para realização de nossa pesquisa.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PESQUISADORES

Pesquisador responsável: Mário Jorge Colares Santana Júnior

Telefone para contato: (92) 99256-4915

E-mail: mj1606736@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Mateus de Souza Coelho Filho

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, abaixo assinado, declaro concordar em participar, de forma livre e gratuita, como sujeito colaborador (a) da pesquisa intitulada **“AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES E INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DOS ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL”**, sob a responsabilidade de Mário Jorge Colares Santana Júnior – Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP-UEA). Como sujeito, fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador sobre de que

trata a pesquisa e quais procedimentos a envolvem, assim autorizo que as minhas respostas comonham os instrumentos de análise de dados deste estudo.

Local e data: Parintins-Am, _____/_____/2022.

Colaborador (a) da pesquisa

Pesquisador responsável

APÊNDICE B**ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO ABERTO**

Estimado professor (a), convido-lhe a participar deste trabalho, o qual tem como objetivo compreender as contribuições da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos do 5º ano do ensino fundamental, no Município de Parintins-AM.

Identificação

Nome: _____ Idade: _____ Sexo: _____

Formação: _____ Tempo de experiência: _____

Qual a concepção de avaliação utilizada na prática avaliativa do professor?

Quais as contribuições e influências da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual dos alunos?

Quais os instrumentos avaliativos utilizados pelo professor?

Existe autoavaliação do professor (a) em relação a sua forma de avaliar?